

## ESPAÇO DO BASQUETEBOL: MODIFICAÇÕES NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL DE UM BAIRRO EM CRATEÚS-CE.

Daniel Chaves Ferreira <sup>1</sup>  
Luana Dias de Oliveira <sup>2</sup>  
George Bezerra Pinheiro <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como proposta investigar de que forma a construção da quadra de basquetebol e sua utilização tem modificado a dinâmica socioespacial do bairro Cidade Nova na periferia da Cidade de Crateús-CE. Portanto, a metodologia utilizada foi inicialmente um levantamento bibliográfico sobre o tema, analisando trabalhos acerca da produção do espaço, lugar e território com os autores, Tuan (1989), Hall (1997), Lefebvre (2001) Freire (1996), Carrano (2003). Para uma maior abrangência, foi realizada uma entrevista semiestruturada com alguns moradores, objetivando compreender as vivências e as relações socioespaciais da comunidade antes e depois da construção da quadra de basquetebol na rua, sendo eles 20 moradores do bairro. É neste sentido que este estudo se torna relevante, pois foi possível perceber a mudança nos moradores com relação ao espaço urbano da rua, antes pensada apenas para a mobilidade urbana usada por carros e motos e circulação de pessoas, atualmente é cheia de vida, uma forma de conhecer a vizinhança, um espaço de encontro da comunidade, onde os jovens podem brincar e ter a experiência de ser criança, onde alguns dos direitos dos cidadãos podem ser exercidos, um espaço de interações sociais onde pode ser realizado debates e manifestações culturais e esportivas, ressignificando o espaço urbano da rua com a construção de uma quadra de basquetebol, na modalidade 3x3 feita pela própria comunidade sem ajuda de políticas públicas, fazendo com que o espaço tenha uma nova dimensão simbólica e inédita para os moradores da comunidade, criando o projeto social IVILY KAYANE BASQUETE CRATEÚS (FIKBC), que também contribui para a educação, socialização e ressignificação dos lugares onde habitam os jovens crateuense. Assim, foi possível perceber que esse debate não se constroi só pela disputa do espaço urbano na rua, é também sobre os valores mais profundos das pessoas com a rua.

**Palavras-chave:** Espaço urbano, Socioespacial, Modificação, Basquetebol, Ressignificação

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo oferecer um quadro geral descritivo e reflexivo sobre a transformação da dinâmica socioespacial dos moradores do bairro da Ilha, periferia de Crateús-CE, a partir da instalação da quadra de basquetebol 3x3, analisando as mudanças vivenciadas nesse contexto específico.

Crateús-CE, onde se localiza a quadra 3x3 de basquetebol, tem 192 anos de emancipação política e faz parte da Mesorregião dos Sertões Cearenses e da Microrregião do Sertão de Crateús. Em 2022, o município contava com cerca de 76.390 habitantes,

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia Instituto Federal do Ceará (IFCE), Campus Crateús, daniel.chaves.ferreira06@aluno.ifce.edu.br;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia Instituto Federal do Ceará (IFCE), Campus Crateús, luana.dias.oliveira08@aluno.ifce.edu.br;

<sup>3</sup> Orientador. Professor Mestre, Licenciado em Geografia pela UFC, Campus Fortaleza, Mestre em Políticas Públicas em Saúde pela FioCruz, Escola de Governo Brasília, george.pinheiro@ifce.edu.br.



apresentando uma densidade demográfica de 25,62 habitantes por milhão quadrado. Com uma área de 2.985.411 km<sup>2</sup>, Crateús está situada a aproximadamente 350 km da capital, Fortaleza (IBGE, 2022).

O basquete em Crateús teve suas primeiras movimentações na década de 1980, nas quadras escolares do antigo Colégio Pio XII e da EEMTI Presidente Eurico Gaspar Dutra, situadas nos bairros Centro e Venâncio, respectivamente. Em 2006, o esporte ganhou força ao ser incorporado à quadra da Praça do Barroão, no bairro São José. Em 2018, o basquete crateuense alcançou um novo patamar com a instalação de uma quadra de 3x3 no bairro da Ilha, transformando e ressignificando o uso de uma rua para a prática esportiva.

A quadra está localizada na rua Betrônio Frota, no bairro Cidade Nova, popularmente conhecida como "Ilha" devido à sua posição geográfica, cercada pelas bacias hidrográficas dos rios Poty e Tourão (MARTINS ; SALES, 1995).

A quadra foi construída pela própria comunidade, diretamente na rua e sem apoio de políticas públicas, o que conferia ao espaço uma nova dimensão simbólica para os moradores, especialmente para as crianças e adolescentes. Pois, como afirma Carlos (1992, p. 55), “[...] a sociedade e o espaço não podem ser vistos desvinculadamente, pois a cada estágio do desenvolvimento da sociedade, corresponderá um estágio do desenvolvimento da produção espacial”.

Para a construção deste estudo, a metodologia incluída, primeiramente, um levantamento bibliográfico sobre o tema, com a análise de trabalhos que discutem a produção do espaço, lugar e território, utilizando como referência autores como: Tuan (1989), Hall (1997), Lefebvre (2001) Freire (1996), Carrano (2003). Com o objetivo de ampliar a abrangência da pesquisa, concorda-se com a necessidade de realizar um estudo de campo na quadra na modalidade olímpica 3x3. Nesse contexto, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com 20 moradores da rua Betrônio Frota, sendo 5 adultos com idade superior a 28 anos e 15 jovens entre 17 e 19 anos. Buscando compreender as vivências e as relações socioespaciais da comunidade antes e depois da construção da quadra de basquete na rua. As entrevistas ocorreram no laboratório de ensino do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal do Ceará - Campus Crateús.

Com base nos objetivos desta pesquisa, o diálogo foi estabelecido a partir das perspectivas dos moradores da rua Betrônio Frota, circunvizinhos da quadra 3x3. As vozes desse grupo servem como base orientadora para a compreensão, interpretação e reflexão sobre esse fenômeno.

Neste trabalho, todos os cuidados éticos foram rigorosamente seguidos, alinhando-se ao pensamento de Trukman (1978), que ressalta ser dever do pesquisador proteger os participantes, assegurando-lhes o direito à privacidade, à não-participação, ao anonimato e à confidencialidade. Para garantir a proteção das identidades dos moradores, seus nomes sociais não foram mencionados no texto, em conformidade com os princípios éticos estabelecidos, eles foram mencionados apenas como "moradores" ao longo do estudo.

Para compreender as mudanças na dinâmica socioespacial da Rua Betrônio Frota após a instalação da quadra de basquete 3x3, é essencial primeiro entender o conceito de lugar. Nesse sentido, o lugar pode ser entendido como uma porção do espaço apropriada para a vida, experimentada através da apropriação, do uso pelos sentidos, das caminhadas, das conversas e do simples ato de estar presente, seja na rua, praça, ou calçada. Nesse sentido, o lugar se demarca na percepção do existir no espaço. Ele é produto das relações humanas e sociais que se desenrolam no plano vivido, refletindo o sentimento de pertencimento. O lugar é um espaço demarcado e transformado pelas práticas sociais, que deixam suas marcas no tempo e no espaço. Assim, quanto maior a clareza e legibilidade dos lugares, mais facilmente somos capazes de identificá-los. (TUAN 1983).

A instalação da quadra 3x3 na Rua Betrônio Frota trouxe uma maior conexão com o espaço urbano da rua. Com o aumento das atividades diárias dos jovens na quadra, os moradores desenvolveram um vínculo mais forte com a rua.

Conforme Tuan (1983, p. 6), "o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. O que começa como um espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor." Segundo o autor, o espaço se "converte" em lugar quando se torna completamente familiar para as pessoas, adquirindo definição e significado. É possível inferir, a partir das entrevistas, que o espaço da quadra 3x3 na rua se tornou um lugar para os jovens e moradores.

Tuan (1983), associa o conceito de lugar a sentimentos, emoções, refúgio e proteção, vinculando-o à ideia de permanência. São as pessoas que atribuem significado aos lugares, que se tornam cenários de trocas, de intimidade.

Para os moradores da área, a quadra 3x3 é mais do que apenas um espaço para jogar basquete; ela carrega significados profundos, repletos de sentimentos e histórias, tornando-se um lugar simbólico é essencial para a comunidade.

Percebemos que a quadra 3x3 é mais que um espaço de basquetebol para os moradores, ela é um lugar simbólico. Hall (1997) aborda a simbologia, destacando que formas simbólicas, sejam materiais ou não, são construídas pela relação entre significantes (formas) e



significados (conceitos). No entanto, essas formas estão sujeitas a múltiplas interpretações, caracterizando-se por uma instabilidade de significados e uma polivocalidade. A partir dessa reflexão, percebemos que a quadra 3x3 possui diferentes significados simbólicos para os moradores.

Com tudo, o bairro da Ilha, marcado por altos índices de criminalidade e tráfico de drogas. Silva (2021), destaca que as atividades de basquetebol na quadra 3x3 surgem como uma oportunidade crucial para jovens afetados por uma ordem social desumana, repleta de injustiças e privações. Muitas crianças e adolescentes enfrentam uma realidade desafiadora, com poucas perspectivas, sendo frequentemente atraídos para trajetórias de violência e criminalidade. Como observa Silva (2021), a exclusão social se manifesta como uma enfermidade nas zonas periféricas de Crateús, exigindo alternativas que permitam a esses jovens desenvolver uma consciência crítica e buscar caminhos mais promissores.

Essas desigualdades precisam ser afirmadas, reafirmadas, ressignificadas e justificadas ou contestadas por diversos meios, incluindo as formas simbólicas espaciais. Leib (2002) argumenta que as formas simbólicas espaciais, como representações sociais em uma sociedade marcada por diferenças e desigualdades, carregam um sentido político inerente, integrando a iconografia política da paisagem.

A imagem que as pessoas constroem da cidade é moldada por um conjunto de experiências, símbolos e referências. Essas percepções são individuais, levando cada um a analisar a cidade sob sua própria ótica e a atribuir significados alinhados à sua construção histórica vivenciada. O que começa como um espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos mais profundamente e lhe conferimos valor. A caracterização do lugar resulta do sentimento de pertencimento, das experiências vivenciadas, da relação cotidiana, do diálogo com o espaço e dos símbolos e percepções que o indivíduo associa ao lugar, tudo mediado pela memória e pelos significados atribuídos ao espaço (TUAN, 1983).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É possível inferir, a partir das entrevistas, o sentimento em relação à Rua Betrônio Frota após a instalação da quadra 3x3 e o aumento das atividades dos jovens e crianças. Morador 1 (2024) comenta em entrevista: “Sempre morei aqui em frente, quando não existia a quadra 3x3, a rua era como qualquer outra, só passavam carros e motos. Desde que a quadra foi instalada, isso mudou. A gente tomou a rua para jogar basquetebol.” morador 2 (2024) acrescenta: “Antes da quadra, as brincadeiras na rua eram muito poucas; agora, a rua tem vida.”



O entorno social da Rua Betrônio Frota exerce uma influência significativa na vida dos jovens e moradores. As relações que os jovens estabelecem no espaço urbano da rua são moldadas por circunstâncias que, por sua vez, mudam a dinâmica socioespacial do lugar, se transformando em um espaço de sociabilidade e produção cultural, como locais de encontro e interação social (LEFEBVRE, 2001).

A rua Betrônio Frota ganhou outro sentido para além do uso da passagem de carros e motos e circulação de pessoas, esse lugar de encontro e de experiências informais, são também fontes de conhecimento, aprendizagem e saberes que emergem das relações e vivências compartilhadas no espaço. Esses momentos devem ser valorizados e reconhecidos como processo de aprendizagens, como Freire (1996, p. 19) observa em relação a essas experiências:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação.

Com a instalação da quadra 3x3, a Rua Betrônio Frota se transformou em um espaço de aprendizagem, onde jovens e adultos interagem e compartilham conhecimentos de diversas maneiras. Em entrevista, o morador 3 (2024) comenta: “Um costume interessante é sentar na calçada para assistir os meninos jogando, antes eu não fazia isso.” Outro morador 4 (2024) “Conversamos sobre tudo quando estamos na quadra, sobre sonhos, futuro, sobre as histórias que vivemos ali.” Esse encontro intergeracional exemplifica como o espaço da rua se tornou um lugar de troca e aprendizado.

Como destaca Freire (1996, p. 111):

Podemos ainda imaginar o que poderá a escola aprender com o que poderá ensinar a cozinheiras, a zeladores, e vigias, a pais, e mães, na busca da necessária superação do ‘saber da experiência feito’ por um saber mais crítico, mais exato, a que têm direito. Este é um direito das classes populares que progressistas coerentes têm que reconhecer e por ele se bater – o direito de saber melhor o que já sabem, ao lado de outro direito, o de participar, de algum modo, da produção do saber ainda não existente [...].

A partir dessa citação, traçamos uma reflexão sobre as pessoas que compõem a comunidade ao redor da quadra 3x3 na rua, onde todos tem o poder de educar e estão entrelaçados no processo de formação dos jovens da comunidade, onde os pais e moradores compartilham experiência, mesmo que de forma indiretamente, criando um sentimento de união na comunidade, onde o papel educativo ali é ampliando.

Morador 5 (2024) comenta: “Eu costumo varrer a quadra 3x3 toda manhã. Acho importante, porque é a diversão da meninada.” Sua fala demonstra o cuidado que as pessoas têm com a quadra 3x3 e o valor que ela representa para os moradores da rua.

No entanto, é importante reconhecer que, embora as ruas sejam espaços onde ocorrem práticas educativas, elas também podem ser palco de experiências desagradáveis e até trágicas para aqueles que circulam pelos territórios urbanos. As preocupações das famílias e dos educadores em relação aos perigos das ruas são, portanto, compreensíveis.

Por exemplo, o morador 6 (2024) menciona em entrevista a experiência de jogar na rua, mesmo com o trânsito de carros e motos.

“jogamos na rua, às vezes passa uma moto ou um carro e temos que parar a partida, fico com medo quando é os meninos mais pequenos que estão brincando, mais continuamos jogando, por que não tem outro lugar para jogar e amamos jogar ali, até hoje nunca aconteceu nenhum problema de trânsito. Eu percebi que as motos e carros passam mais devagar quando estão perto da quadra, já virou costume.”

É essencial que os jovens sejam protegidos dos perigos das ruas. No entanto, o verdadeiro desafio democrático não é simplesmente afastá-los desses espaços, confinando-os a ambientes privados e controlados. A rua e outros espaços da esfera pública têm o potencial de se tornarem locais de alegria genuína, de trocas solidárias e de relações carregadas de significado democrático. Eles oferecem oportunidades para uma interação significativa com o outro. Nas práticas culturais públicas de lazer, os jovens parecem buscar um contraponto ao lar, que é o espaço fundamental onde o corpo se organiza no mundo (CARRANO, 2003).

Carrano (2003), apresenta que quando transformadas em espaços de convivência cidadã, as ruas podem ser ao mesmo tempo educativas e culturalmente enriquecedoras. O isolamento exclusivo no ambiente privado pode ser tão prejudicial quanto a exposição aos perigos das ruas. A perda da cultura pública, em um contexto de privatização das práticas sociais, leva à alienação em relação ao verdadeiro significado da cidade.

A normatização das atividades de jogo e brincadeira, por meio da promoção do lazer programado e do aumento do investimento em formas de ludicidade individualizadas e privatizantes, transformou radicalmente a perspectiva da cultura lúdica na infância e juventude. Ao contrário da visão atual, as ruas nem sempre foram apenas locais de trânsito, elas desempenharam um papel significativo como espaços de produção cultural na vida das pessoas e dos grupos (CARRANO, 2003).

Em consonância com Carrano (2003), a liberdade associada ao lazer dos jovens é frequentemente reduzida a estereótipos negativos, como crimes, uso de drogas, violência e alienação social. No entanto, a verdadeira solução para o abandono das ruas não é restringir a

autonomia e a liberdade dos jovens, uma abordagem comum nas propostas de institucionalização para crianças e adolescentes em situação de risco social.

A quadra 3x3 vai na direção oposta a essa lógica, incentivando os jovens da Rua Betrônio Frota a ocupar os espaços públicos. Carrano (2003), observa que os jovens que persistem em frequentar ruas, praças e outros espaços públicos, interagindo com diversos habitantes da cidade, desafiam a lógica da sociabilidade restrita aos apartamentos. Essa lógica sustenta a ideia de trocas relacionais seguras e homogêneas em espaços de convivência para públicos "selecionados". Sob essa perspectiva, a sociabilidade pública representa uma rejeição à privatização das interações sociais.

Alguns moradores até superaram o preconceito que tinham em relação à rua. morador 7 (2024) comenta: "Eu não deixava meu filho brincar na rua por causa do perigo, mas, depois da quadra 3x3, perdi esse medo. Hoje, ele brinca todos os dias." Carrano (2003), observa que a desconexão dos processos reais que moldam a vida social e cultural cria um campo simbólico que favorece a formação de preconceitos e estereótipos, especialmente em relação aos jovens em situação de exclusão social e cultural.

As falas dos entrevistados convergem para um ponto comum: a relação de pertencimento com a quadra 3x3, construída a partir das memórias vividas nesse espaço. Nora (1989), discute a criação de lugares de memória, cuja função é estabelecer ou manter a coesão social em torno de um passado compartilhado. Esse conceito ajuda a entender como a quadra 3x3 se tornou um símbolo para os jovens e moradores, unindo-os através de suas experiências e histórias coletivas.

Esse lugar é caracterizado por risos, alegrias e demonstrações de afeto entre as crianças e adolescentes. No entanto, ocasionalmente, também se torna cenário de pequenos conflitos, geralmente resultantes de mal-entendidos, que são rapidamente resolvidos. Como destaca morador 8 (2024) "Às vezes nos desentendemos um com o outro na quadra, ficamos com raiva, terminamos o jogo e nos abraçamos e voltamos a rir juntos e a jogar novamente e depois ficamos rindo dos acontecimentos passados".

A quadra 3x3 desempenha um papel crucial na criação e manutenção da identidade de um lugar e o tornando simbólico. Corrêa (2000, p.8), sobre as formas simbólicas no espaço: "As formas simbólicas tornam-se formas simbólicas espaciais quando constituídas por fixos e fluxos, isto é, por localizações e itinerários, apresentando, portanto, os atributos primeiros da espacialidade.

A quadra 3x3 é uma referência espacial significativa para seus usuários, esse território do basquetebol como é nomeado pelos os moradores, funcionando como uma toponímia que é





uma forma simbólica que identifica logradouros públicos, bairros, cidades, países ou elementos naturais. Essa toponímia atribui significados que podem valorizar ou estigmatizar o objeto em questão. De acordo com Azaryahu (1996) e Golan (2001), a nomeação de um local é uma forma de apropriação do espaço, impregnando-o com significados associados ao nome e ao poder.

As formas simbólicas espaciais estão dispersas pela superfície terrestre, refletindo a força das representações que os seres humanos constroem sobre diversas facetas da vida, como o passado, o presente e o futuro, as diferenças e a igualdade, o poder, a celebração e a contestação, e a memorialização. Essas formas simbólicas atuam como marcas e matrizes na criação e recriação das práticas socioespaciais (BERQUE, 1998).

Os sentimentos de pertencimento e reconhecimento afetivo gerados na quadra 3x3 estão profundamente ligados tanto à sensação de identidade quanto às oportunidades positivas que ela oferece. A quadra 3x3 contribui para a construção de confiança, autoestima e perspectivas de vida, trazendo esperança aos jovens que enfrentam vidas marcadas pela miséria e violência. Assim, o basquetebol atua como um alívio para os problemas cotidianos, proporcionando momentos de alegria. O amor que emerge dessa relação com o basquetebol e com a quadra 3x3 torna-se uma força vibrante no dia a dia desses jovens, orientando-os positivamente em suas vidas.

No bairro da Ilha, o basquetebol é um elemento vibrante e significativo, carregado de histórias, eventos e sentimentos de pertencimento. No cotidiano dos moradores, a quadra 3x3 da rua é um ponto de interação constante, onde meninos e meninas, homens e mulheres, estão sempre arremessando bolas na cesta. Além de servir como um espaço de lazer para aqueles que se divertem assistindo aos jogos, a quadra se tornou um símbolo de orgulho para os moradores. Em meio à tristeza provocada pela desigualdade e injustiça social, eles encontram beleza e esperança nesse cenário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para as crianças e adolescentes do bairro da Ilha, periferia da cidade de Crateús, as práticas do basquetebol na quadra 3x3 transcende sua natureza meramente esportiva, adquirindo um significado mais amplo. Tornou-se não apenas uma atividade física, mas também uma fonte de lazer e bem-estar que permeia suas vidas cotidianas, assumindo um caráter cultural essencial na sua socialização.

Dessa forma, esse espaço tornou-se um lugar simbólico tanto para os jovens que frequentam para jogar basquetebol quanto para os moradores do bairro, influenciando suas





percepções e interações. Além disso, observa-se como esse "fixo" transforma a dinâmica socioespacial do bairro, impactando as relações que a juventude estabelece com o território.

Diante desse contexto, a quadra 3x3 se integra às diversas dimensões do espaço, contribuindo para a construção da identidade e da cultura local. Ela se destaca como um elemento que promove um estilo de vida alternativo e não hegemônico, estreitamente associado ao basquetebol e às práticas comunitárias que geram mudanças socioespaciais significativas na Rua Betrônio Frota, no bairro da Ilha.

## REFERÊNCIAS

Azaryahu, M. (1996). O poder dos nomes de ruas comemorativos. *Meio Ambiente e Planejamento D: Sociedade e Espaço*, 14(3), 311-330.

AZARYAHU, M ; GOLAN, A. 2001. (Re)Naming the Ladscape: The Formation of the Hebrew Map of Israel, 1949-1960. *Journal of Historical Geography*, 27(2), pp. 178- 195.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998b, p.84-91.

CARLOS, A. F. A. *A Cidade*. São Paulo: Contexto, 1992.

CARRANO, P. C. R. *Juventudes e cidades educadoras*. 1ª edição ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Editora Ática, 2000. 7ª ed. Série Princípios

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. "The work of representation". In: HALL, Stuart (org.) *Representation. Cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001

LEIB, J. I. 2002. Separated Times, Shared Spaces: Arthur Ashe, Monument Avenue and the Politics of Richmond, Virginia, Symbolic Landscape. *Cultural Geography*, 9, pp. 286-3 12.

MARTINS, A. C.; SALES, M. I. *Resgate histórico: de Piranhas à Crateús*. Fortaleza: sem editora, 1995.



NORA, P. 1989. Between Memory and History: "Les Lieux de Memoire". Representations, 26(1), pp. 7-25.

SILVA, R. A dinâmica social da pobreza. Handle.net, 29 dez. 2021.

TUAN, Y. F. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUCKMAN, B. W. Conducting educational research. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1978.